



(R)existe - a arte do povo da luta por moradia

Leonardo de Oliveira¹; Fernando Cardoso²; João Kowacs Castro³; Lilian Rodrigues da Cruz¹

¹Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IPSSCH / UFRGS

²Projeto de Extensão (R)existe Ocupação Cultural – UFRGS

³Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IA/UFRGS

E-mail: pocupacaoculturalrs@gmail.com

Resumo

O artigo descreve a produção da exposição "(R)EXISTE!" realizada em Porto Alegre na galeria Ecarta no ano de 2023, com foco na arte como resistência de comunidades vulnerabilizadas. A exposição foi uma iniciativa do projeto de extensão (R)existe, e incluiu diversas expressões artísticas e culturais produzidas em oficinas realizadas em espaços como a Ocupação Centro Cultural Ksa Rosa, o Assentamento 20 de Novembro e a ONG Peregrinos Sem Fronteiras, além de outros artistas ligados à luta por moradia. A proposta buscou fortalecer coletivos de arte e cultura, dar visibilidade à luta por moradia no município e subverter o papel tradicional de galerias de arte. Com uma abordagem de arte-educação, o evento também desafiou as estruturas necropolíticas, promovendo a reflexão sobre a luta por direitos e a valorização cultural, além da interação dialógica da extensão e da universidade com a comunidade periférica.

Palavras-chave: Arte e resistência, luta por moradia, comunidades vulnerabilizadas, arte-educação, coletivos culturais.

Resumen

El artículo describe la producción de la exposición "(R)EXISTE!" realizada en Porto Alegre en la galería Ecarta en 2023, centrándose en el arte como resistencia de comunidades vulnerabilizadas. La exposición fue una iniciativa del proyecto de extensión (R)existe e incluyó expresiones artísticas y culturales diversas producidas en talleres realizados en espacios como la Ocupación Centro Cultural Ksa Rosa, el Asentamiento 20 de Noviembre y la ONG Peregrinos sin Fronteras, además de otros artistas vinculados a la lucha por la vivienda. La propuesta buscó fortalecer colectivos de arte y cultura, dar visibilidad a la lucha por la vivienda en el municipio y subvertir el papel tradicional de las galerías de arte. Con un enfoque de arte-educación, el evento también desafió las estructuras necropolíticas, promoviendo la reflexión sobre la lucha por los derechos y la valorización cultural, además de la interacción dialógica de la extensión y la universidad con la comunidad periférica.

Palabras clave: Arte y resistencia, lucha por la vivienda, comunidades vulnerabilizadas, arte-educación, colectivos culturales.

(R)existe - a arte do povo da luta por moradia

Um livro de poesia na gaveta não adianta nada

Lugar de poesia é na calçada

Lugar de quadro é na exposição

Lugar de música é no rádio

(Sérgio Sampaio)

Ao retomar as heranças e o momento histórico em que vivemos, é de suma importância salientar a infiltração da ideia neoliberal de privatização dos espaços públicos, inclusive os de cultura e arte, a elitização e usos hegemônicos destes, além da regulação imobiliária e fundiária. Se também o Estado, amigo desta lógica, falha tanto em garantir a dignidade, tanto pelo direito à moradia, quanto pelo acesso e proteção do direito à cultura, quais resistências são possíveis? É possível pensar uma arte política e não panfletária, que possibilite a agência de indivíduos e coletividades marginalizadas? Qual o efeito dessas ações e da valorização das expressões artísticas dessas comunidades na produção de saúde mental e na construção da autoestima dessas comunidades? Quando a lei não é cumprida pelos meios burocráticos, a existência de um coletivo de educadores que atue no sentido de ampliar, qualificar e valorizar a experimentação

artística e o acesso à produção artística pode se fazer necessária.

Neste sentido, este artigo relata a produção da exposição "(R)EXISTE", ocorrida em janeiro de 2023, em uma tradicional galeria de arte de Porto Alegre, a Galeria ECARTA, abordando a intersecção entre arte e realidade social de comunidades vulnerabilizadas. A referida exposição foi uma ação do projeto de extensão "(R)EXISTE: ocupação cultural", cujo objetivo geral é promover a inclusão social e o fortalecimento comunitário em contextos de vulnerabilidade e luta por moradia por meio da integração de práticas culturais, artísticas, educativas e psicossociais. Nesse contexto, uma das ações mais importantes é desenvolver oficinas e eventos culturais em comunidades de ocupação utilizando a arte e a cultura como meios de expressão e desenvolvimento pessoal e comunitário. A referida mostra incluiu uma variedade de expressões

artísticas, como pinturas, mosaicos, artesanato com materiais recicláveis, fotografias, vídeos e desenhos, enfatizando a resistência e a expressão da cultura popular de comunidades em situação de vulnerabilidade.

O objetivo deste artigo é contar a experiência de arte de educadores, psicólogos, educadores sociais e redutores de danos inseridos de forma dialógica na extensão acadêmica e em movimentos de luta por moradia, desde a montagem, a produção e a organização da exposição citada.

Os trabalhos exibidos são resultados de oficinas criativas realizadas na Ocupação Centro Cultural Ksa Rosa, no Assentamento 20 de Novembro e na ONG Peregrinos Sem Fronteiras, além de outros espaços com artistas de forma independente, em oficinas ministradas por artistas e artesãos, que tinham como objetivo fomentar a expressão artística em contextos de exclusão social. A importância dos encontros realizados em ambientes comunitários não é apenas promover a produção cultural, mas também fortalecer redes de solidariedade.

A iniciativa serviu como um convite à reflexão sobre as narrativas presentes em territórios em disputa, evidenciando a vitalidade da arte como um meio de resistência contra estruturas sociais opressivas. Ao gerar imagens, produzir objetos artísticos, a partir de seu contexto sócio-cultural, as comunidades vulnerabilizadas têm sua subjetividade representada no imaginário social. No caso dos participantes da exposição, sua produção artística e sua subjetividade lhes é negada ou negligenciada pela sociedade que vê na arte um meio elitizado e refinado onde expressões populares são invisibilizadas.

Assim, a proposta expositiva desafia a necropolítica, ao inserir vozes e corpos historicamente marginalizados e apagados no espaço da galeria, transformando-o em um espaço de encontro e diálogo, validando as expressões e bagagens artísticas e culturais dessas pessoas e de suas comunidades.

Diante desse contexto necropolítico, a urgência de uma cultura que fomente alegria e resistência é ressaltada como um elemento crucial para a construção de uma sociedade plural, justa e criativa. A luta por direitos e moradia, representada na exposição, reforça a necessidade do entendimento do Direito ser entendido de forma indivisível, não existindo meio direito, e sim, os direitos humanos enquanto totalidade de valores necessários para o bem estar dos sujeitos e da comunidade.



Figura 1 - Cartaz da exposição (R)existe.
Fonte: Autores.

Neste sentido, a exposição "(R)EXISTE!" celebrou a produção artística, mas também atuou como uma plataforma para fortalecer as lutas sociais, evidenciando o papel transformador da arte na vida das comunidades vulneráveis. Note-se que as oficinas foram idealizadas de forma a incentivar a produção criativa autônoma dos sujeitos, entendendo que assim, a integração coletiva e a autonomia individual se fortalecem mutuamente.

O coletivo chamado Projeto Ocupação Cultural, proponente, organizador e curador da exposição surgiu no fim de 2010, nas ocupações do movimento sem-teto no centro da cidade de São Paulo, do encontro de educadores que moravam nas ocupações com educadores e artistas que visitavam as ocupações para propor ações sócio-culturais junto às comunidades. Já na época, São Paulo passava por um processo crescente de gentrificação do centro da cidade e o coletivo passa a desenvolver ações que denominamos como 'pracificação', no sentido de pensar espaços de convivência, cultura, arte e lazer dentro das ocupações de sem teto, em contraponto à precificação e à política segregacionista que transformava o centro da cidade em um espaço de exclusão para as famílias de baixa renda. Percebendo o espaço urbano como primordialmente local do encontro, ao estabelecer espaços de contato entre as pessoas, reforça-se com afeto a malha social.

Em 2020, o coletivo forma seu núcleo em Porto Alegre, e segue nesta ideia de articulação de espaços e artistas periféricos e de luta por moradia com locais e instituições de arte e cultura no município. Em 2023, através de uma proposta do Projeto Ocupação Cultural, e do projeto de extensão (R)existe, surge a oportunidade de organizar a exposição em um espaço cultural tradicional de Porto Alegre, a galeria Ecarta. Surge, assim, a exposição (R)existe, que esteve em cartaz de janeiro a março de 2023, tendo recebido cobertura da mídia e

atraído um público periférico e diverso. Assim, o espaço de uma cidade feita para as pessoas, a luta por moradia e o conceito/práxis de pracificação se fizeram presentes no espaço de uma galeria tradicional.

Além disso, a proposta da exposição foi pautar mudanças necessárias no mundo das artes, no que diz respeito às heranças coloniais - também, pelos efeitos políticos, raciais e de classe, que decorrem da crise climática do mundo atual (Vergés, 2023). A arte, neste sentido, carrega a possibilidade da valorização da vida, da cidadania, da diferença, da produção de uma coletividade e da dignidade humana. Como veremos a seguir, também nos colocamos todos em obra e em movimentos a partir do processo e da composição da exposição.

Rexistindo

“E estes movimentos, com os quais temos nos encontrado e que ora partilhamos, dizem de modos de se ocupar daquilo que interessa para que prossigam produzindo acolhimento, cuidado e vida poética.” (Mendes *et al.*, 2019, p. 351).

Nosso envolvimento enquanto coletivo e, posteriormente, como extensão acadêmica com os movimentos de moradia foi tecido ao longo de anos de parceria, com promoção e organização de eventos artísticos, culturais, de redução de danos e promoção de saúde. Sempre foi de comum entendimento a demanda de organizar espaços de produção e exposição de arte e cultura, valorizando a ampliação de repertório, mas, também, a valorização dos artistas, fazeres locais e suas obras. Com o passar do tempo, esta proposta se cristalizou na realização de uma série de oficinas; as obras produzidas foram destinadas à montagem da exposição. As modalidades artísticas seriam diversas: literatura, mosaico, pintura, música e artesanato, e as obras geradas nessas oficinas foram então organizadas para

compor a exposição.

As montagens foram realizadas coletivamente, com o envolvimento dos próprios participantes, e as obras foram dispostas de maneira que refletissem tanto a multiplicidade de técnicas utilizadas, quanto as narrativas presentes no processo. Para isso, o coletivo contou também com a participação direta de estudantes extensionistas, que atuaram como mediadores nas oficinas, auxiliando na produção artística e na articulação entre a universidade e os movimentos sociais. Essa experiência permitiu que os estudantes vivenciassem na prática os desafios da extensão popular, integrando a formação acadêmica e o compromisso social.

A curadoria, embora inicial e desafiada pela ausência de recursos, foi uma afirmação da autenticidade e da resistência das produções periféricas e do coletivo. As obras foram apresentadas sem a preocupação estética colonial que muitas vezes desqualifica a arte popular e periférica. Em vez disso, as produções artísticas foram vistas como instrumentos de transformação e resistência social, onde a arte foi posicionada como uma forma legítima e potente de expressão cultural e política. Essa construção foi feita desde as oficinas em diálogo com os participantes delas, que definiram coletivamente a disposição das obras para refletir suas narrativas. A resistência à estética colonial partiu dos próprios artistas, como Dona Lúcia, LP Pereira, Maristoni Moura e Cosme Rodrigues, que apostaram na exibição de peças não convencionais como ato político e de testemunho.

Entre as oficinas realizadas, destacam-se as realizadas na Ksa Rosa, uma associação localizada próximo à rodoviária de Porto Alegre, reconhecida por sua fachada colorida e um grande mosaico. O espaço acolhe pessoas em



Figura 2 - Artistas e participantes da exposição (R)existe durante oficina na Ksa Rosa.

Fonte: Autores.

situação de vulnerabilidade social, incluindo catadores de recicláveis, moradores de rua e imigrantes, promovendo a integração social por meio de diversas atividades culturais.

As oficinas de mosaico, facilitadas por Maristoni Moura e pelo coletivo Projeto Ocupação Cultural, foram fundamentais, pois permitiram aos participantes explorar a arte com materiais recicláveis, de forma autêntica, promovendo tanto a integração social quanto a expressão criativa, escapando da ideia produtivista e do fetiche pela reprodução de objetos,

em consonância com Benjamin (1994), o qual retoma que "a arte, em sua autenticidade, preserva sua aura. Nos espaços coletivos, como as oficinas, essa aura é reconstituída, pois ela não é apenas a reprodução de um objeto, mas a experiência direta e comunitária com ele" (p. 23).

A proposta da oficina envolveu a união em coletividade dos participantes, enquanto o artista LP Pereira compunha uma música sobre o processo, que depois foi incluída e tocada na exposição. Luiz Paulo Pereira Freitas de Oliveira, conhecido como LP Pereira da Vila, é um compositor e produtor musical, ativo na cena cultural do Rio Grande do Sul em um estilo que combina samba, jazz e outros elementos. A música composta brinca com a ideia de que o artista é um comerciante de substâncias ilícitas, em uma ideia de arte de si:

4:20

Minha leva vai crescendo tem pedido a longo prazo
é tipo exposições não tô imaginando prêmio
qualidade eu ando traficando pelos cantos
não precisa intimidade então vai levar quanto?

(Sumaki, LP Pereira Da Vila)

Já o MNLM (Movimento Nacional de Luta pela Moradia) no Rio Grande do Sul é uma organização que luta pelo direito à moradia digna e acessível. Formado por pessoas em situação de vulnerabilidade habitacional, o movimento busca a mobilização social e a reivindicação de políticas públicas que garantam o acesso à habitação, se envolvendo em ações de educação popular, conscientização sobre direitos e a resistência contra a especulação imobiliária. O Assentamento 20 de Novembro, no centro de Porto Alegre, é um espaço ocupado pelo movimento e suas famílias em busca de moradia digna, refletindo a luta por direitos habitacionais e a diversidade cultural da população.

Uma de suas moradoras e importante representante da cultura popular e da luta por moradia que participou das oficinas e da exposição é Lúcia das Graças, conhecida como Dona Lúcia, uma artista que atua como educadora, costureira e cozinheira, além de ser Mestra Griô de tradição oral.

Para a exposição, Dona Lúcia criou bonecas abayomis e peças de sisal, compartilhando, por meio da sua arte, saberes ancestrais e populares. Por meio de oficinas, ela transmite suas habilidades e conhecimentos, fortalecendo a conexão entre a cultura viva e as novas gerações. Neste sentido, Jota Mombaça (2020) propõe que a arte seja uma estratégia de afirmação dos corpos, um espaço para a criação de novas possibilidades, onde os indivíduos se tornam agentes de sua própria resistência e reinvenção, contribuindo para a construção de um outro mundo possível.

Para isso, Lúcia traz um relato oral enquanto a oficina acontece. Ela narra que as abayomis, em especial, carregam um significado profundo e ancestral. Originárias da resistência negra, essas bonecas têm raízes na época da escravidão, quando as mulheres africanas, confinadas nos porões dos navios negreiros, confeccionavam pequenos bonecos para seus filhos, rasgando pedaços de suas próprias saias. As abayomis eram mais do que brinquedos: eram um ato de amor e proteção, uma forma de criar laços e transmitir segurança e esperança em um contexto de profunda dor e violência. O nome "abayomi" vem do iorubá e significa "encontro precioso", uma expressão que reflete a natureza da relação entre mãe e filho, do afeto que une em meio ao sofrimento.

Dona Lúcia, ao criar e ensinar a fazer abayomis, como as que estiveram expostas, juntamente com as carrancas, transmite não apenas uma técnica, mas também a memória da resistência, da ancestralidade africana, partilha e aprendizado. Para ela, cada abayomi

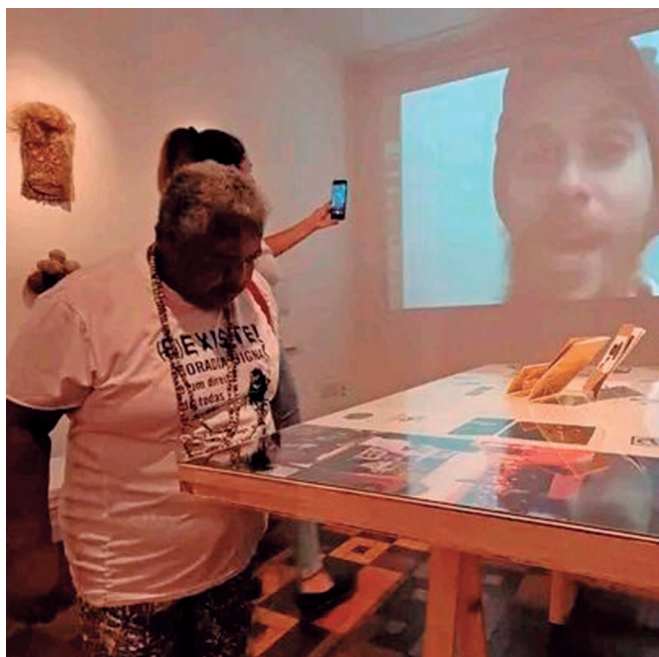


Figura 3 - Dona Lúcia observa obras da exposição (R)existe, com as carrancas que a artista expôs ao fundo e vídeo sobre montagem da exposição à direita.

Fonte: Autores.

é um símbolo de resistência e um lembrete da força dos que vieram antes, um tributo aos que sofreram, mas também aos que lutaram para sobreviver e manter viva sua identidade cultural.

Novamente aqui a arte torna-se mais que um mero objeto de apreciação, mas um dispositivo de resistência e memória. bell hooks (1995) defende que a arte pode ser um instrumento de transformação e resistência ao permitir que as narrativas dos marginalizados sejam ouvidas. No caso de Dona Lúcia, suas oficinas e a criação das abayomis não são apenas atos de produção artística, mas sim uma reapropriação do espaço cultural, em que as tradições afro-brasileiras são celebradas como forma de resistência à opressão racial e social.

As oficinas de artes plásticas no Assentamento 20 de Novembro foram também fundamentais



Figura 4 - A Obra - da artista Dandara da Silva de Moraes, presente na exposição - retrata ocupações urbanas.

Fonte: Autores.

para a promoção da expressão cultural e artística dentro da comunidade, além de fortalecerem a conexão entre arte e resistência. As atividades não se limitavam à aprendizagem de técnicas artísticas, mas também envolviam um profundo engajamento social e político, pois as produções feitas pelos participantes eram uma forma de resistência à invisibilização das periferias urbanas, tornando-se um espaço de afirmação da identidade e da cultura popular, permitindo aos participantes se expressarem e se reconhecerem enquanto agentes de transformação dentro da própria comunidade e além dela.

Cosme Ferreira Rodrigues é um compositor e musicista carioca, natural de São João do Meriti, com 60 anos de idade e mais de quatro décadas dedicadas à música. Sua trajetória musical teve início na Ala de Compositores da escola de samba Leão de Nova Iguaçu, entre 1993 e 1995. Cosme é conhecido por sua potente voz lírica e pelo acompanhamento de seu pandeiro, que traz consigo influências das rodas de Capoeira com o Mestre Vieira e das sessões de Umbanda, onde atuou como Ogã no terreiro de Mãe Isabel. Com a banda Sociedade Cósmica, ele explora uma sonoridade eclética, e como artista de rua, já se apresentou em diversos estados, incluindo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Em suas performances, Cosme leva o Samba de roda, melodias e cantigas ancestrais, promovendo uma conexão entre a tradição e a cultura popular.

O choro das ruas

O choro das ruas
é difícil de se perceber
a culpa não é sua
veja bem o que se pode fazer
p'ra amenizar, fazer cessar
e entender
que a criança descalça
e nua pode estudar pode crescer
e o povo do subterrâneo
quem é que vai socorrer?
(Cosme Rodrigues)

A participação de Cosme na exposição se deu de três formas, uma permanente, um cortejo e na vernissage de abertura. A permanência de Cosme se deu na obra “Big Cosme” - banner impresso em tecido. A foto é um retrato de Cosme na Avenida Osvaldo Aranha, foto por Tuane Eggers. O retrato, em tamanho quase real, ficava pendurado à entrada da exposição, recebendo os visitantes. A ação de Cosme também se deu no lançamento da obra em um cortejo pela tradicional feira da Redenção, à caminho da galeria. Por fim, durante a vernissage, Cosme, além de se apresentar com seu pandeiro e sua voz, trouxe quitutes por ele feitos com a assistência do coletivo: salgadinhos de festa e bolos de aipim com côco. Cosme, cozinheiro e representante da cultura popular, contribuiu, assim, com a alimentação dos visitantes, revelando, mais uma vez, a procura por um trabalho envolvido em diferentes categorias de forma crítica.

Esses são alguns dos artistas que colaboraram com a exposição por meio de suas vivências e produções, contribuindo não apenas para a cena cultural, mas também atuando como agentes de transformação social, promovendo a resistência e a valorização das identidades periféricas. A arte pode não subverter estruturalmente o Estado, por si só, mas se estiver vinculada a uma rede econômica, associações e movimentos sociais, pode acender reações (Vergés, 2023). Pode inspirar lutas, e neste processo encontra-se a semente de descolonizar o museu, e a forma de viver a arte.

Ecos

Ver a galeria ocupada artisticamente, e depois também tomada pela multidão de pessoas destas instituições e movimentos nos coloca a torcer o lugar da arte e dos locais de exposição, como galerias e museus universais europeus, locais de gentrificação, de encenação ideológica, de saqueamento, exploração e invisibilização da exploração (Vergés, 2023).

Existe nesse viés universalista europeu da arte e dos espaços culturais um apagamento de um certo tipo de memória, de uma língua. Assim, ainda que o coletivo e os movimentos estivessem ocupando a galeria, com a legitimidade que aquelas obras têm dentro de nossa percepção crítica e social, era impossível não perceber o tratamento que os trabalhos recebiam por organizadores da instituição durante a montagem da exposição, em discursos que o qualificar como “toscos”, kitsch, ou que as telas não eram de boa qualidade, ou emolduradas, pois não havia recurso financeiro para tal. Houve resistência e tensionamento para que fossem mantidas as obras em sua integralidade.

Mesmo o transporte das obras não foi o ideal, tendo as pinturas sido transportadas protegidas por bandeiras do MNLM, e nada mais simbólico que isso. Lutamos até o fim contra a perspectiva estética colonial de arte para que todas as obras, mesmo as mais simples e as feitas por crianças fossem expostas, ainda que houvesse a tentativa de deslegitimá-las, sob o olhar sanguinário do vigia (como diriam os Racionais Mc’s), representado pela perspectiva tradicional de curadoria hegemônica.

Ainda sobre isso Vergés (2023) considera que é necessário um pós museu, que exige mais que pequenas modificações, mas a coragem de ser antirracista, antipatriarcal, anticapitalista e anti-imperialista, libertando-se da presunção de respeitabilidade estética colonial. Para que haja construção de territórios afirmativos da vida, segundo Rolnik (2021, p. 72) “a criação transfigurativa se faz necessária, em detrimento de uma reprodução reativa do hegemônico”.

A exposição evidenciou o importante papel da extensão universitária ao envolver estudantes em processos de curadoria e criação compartilhada de arte e cultura popular. Essa vivência direta com os artistas e militantes das ocupações amplia a compreensão sobre arte política

e direito à cidade, consolidando uma formação profissional com compromisso social. Neste contexto, a colaboração entre artistas, extensão e membros das comunidades e movimentos sociais se revela crucial. As oficinas criativas não apenas estimulam a produção artística, mas também fomentam um espaço de diálogo e troca de saberes. Essa interação entre artistas, moradores, extensionistas e galeria de arte fortaleceu laços comunitários, permitindo que a produção artística se tornasse um reflexo autêntico das vivências e desafios enfrentados por essas populações.

Nossas andanças reafirmam o sentido de produzirmos no campo da saúde e no processo de produção de políticas públicas outros modos de olhar e de construir a relação com o outro, sobretudo considerando que as pessoas fabricam e cultivam diferentes modos de existir independentemente de supostas regras, imposições e atravessamentos desenvolvidos pelo modelo dominante de gestar a vida (Mendes *et al.*, 2019, p. 356).

A exposição também propôs uma reflexão crítica sobre o papel das instituições artísticas na promoção da inclusão e da diversidade. Ao ocupar um espaço tradicional, "(R)EXISTE!" convidou o público a reconsiderar o que é arte e quem tem o direito de produzi-la. Esse movimento não só amplia as vozes dentro do mundo das artes, mas também instiga um questionamento sobre a função da arte na sociedade contemporânea.

Ao ocupar uma galeria de arte, a exposição desafia as normas estabelecidas que frequentemente excluem as narrativas das comunidades periféricas. Esse ato de ocupação é, em si, uma forma de resistência à necropolítica, que marginaliza e silencia as vozes dos que lutam por direitos fundamentais, como a moradia digna.

Inserir essas vozes em um espaço considerado

“legítimo”, a exposição transforma a galeria em um lugar de encontro e diálogo, onde se propõem novas narrativas que desafiam as representações tradicionais. Um dos ecos da exposição foi essa legitimação dos artistas que expuseram seus trabalhos, fato visível no orgulho e na alegria que os transbordava e enchia a galeria. O público, comunidade acadêmica da UFRGS, estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento, pessoas do movimento, familiares, artistas de Porto Alegre, participantes do Fórum Social, também deixaram nítido seu interesse e satisfação com a exposição e o significado que carregava. A exposição também foi amplamente noticiada em meios de comunicação com rádio e jornais, atingindo os objetivos propostos de público e notoriedade.

Estas experiências vividas na organização da exposição evidenciam a urgência de se construir espaços de resistência cultural. A arte pode ser um catalisador poderoso para a mudança social, e iniciativas como “(R)EXISTE!” são fundamentais para reafirmar a dignidade, a cidadania e os direitos de populações vulnerabilizadas e dos movimentos sociais.

No clima de guerra permanente em que vivemos, é urgente imaginar instituições decoloniais, antirracistas, anticapitalistas e anti-imperialistas que não sejam baseadas no extrativismo, mas incentivem a curiosidade, o desejo de compreender e agir contra as injustiças, as desigualdades e o sexismo. Que nossas derrotas sejam o terreno onde construiremos novos sonhos. Que nossas práticas alimentem nossa imaginação (Vergés, 2023, p. 243).

Mesmo em um ambiente social e político de dificuldades, o atravessamento entre arte e resistência, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, revela o poder da produção cultural como um instrumento

de transformação, tanto individual quanto coletiva. A exposição (R)EXISTE! em Porto Alegre, assim como o processo de articulação e resistência que a precedeu, reflete essa dinâmica, articulando a arte como um meio de reconfigurar os espaços urbanos, questionando as lógicas coloniais e neoliberais que predominam nas cidades, em galerias e museus. O conceito de “pracificação” proposto pelo Projeto Ocupação Cultural, ao transformar espaços de uso comum da cidade em locais de encontro, lazer, diálogo e produção cultural, se alinha diretamente com a crítica sobre a financeirização da moradia, que transformou o espaço urbano em mercadoria, criando ambientes de exclusão social e cultural.

A exposição (R)EXISTE!, nesse sentido, não foi apenas uma mostra de obras, mas uma prática de resistência. Ao trazer artistas de comunidades periféricas e ocupações de moradia, o evento confrontou o elitismo das instituições de arte tradicionais, criando um espaço de produção estética e de pertencimento. Spivak (2008) endossa isto ao argumentar que, quando o subalterno se expressa, sua voz carrega a violência, e somente ao ouvir esse discurso é que se torna possível transformar essa violência em uma forma de resistência. A escolha de materiais recicláveis, como os mosaicos produzidos na oficina da Ksa Rosa, e a exposição de fanzines, artes manuais e literatura independente são expressões de uma arte que é uma espécie de anti cultura na medida em que se opõe à cultura hegemônica, elitista e colonizadora.

Assim, a exposição (R)EXISTE! se torna um exercício de interação dialógica com a sociedade, onde a universidade — através do projeto de mesmo nome — cumpre seu papel como espaço de articulação e construção comunitária ao integrar moradores de ocupações, artistas periféricos e pesquisadores da

UFRGS, reforçando também o compromisso público da academia com comunidades vulnerabilizadas, transformando saberes populares e acadêmicos em ferramentas de resistência cultural e emancipação. Mais do que um evento, a exposição simboliza a potência da extensão como eixo transformador: ao conectar galerias, universidade e ocupações, ela mostra que a arte é um ato político — e que a universidade, em diálogo com os movimentos sociais, pode ser terreno fértil para novos mundos, onde ensino, pesquisa e vida comunitária se alimentam mutuamente.



Figura 5 - Coletivo Projeto Ocupação Cultural (MNLM), membros do Projeto de Extensão (R)existe, artistas e parceiros ao final do primeiro dia de exposição.

Fonte: Autores.

Não se trata apenas de expor obras, mas de criar um campo simbólico e material de resistência, onde as narrativas das ocupações, como as do Assentamento 20 de Novembro, Peregrinos Sem Fronteiras e Ksa Rosa, possam ser expressas de forma legítima e sem concessões às imposições estéticas da arte elitista. Assim, a arte se afirma como uma forma de resistência coletiva, capaz de contestar e reimaginar as estruturas de poder e controle que dominam o

espaço urbano e mesmo as próprias instituições culturais. O envolvimento com arte, cultura, universidade e política nessas comunidades é mais do que um exercício de curadoria – é uma prática de produção de vida, cidadania e resistência. ◀

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, F. Ocupação na ocupação: arte contemporânea no Movimento dos Sem Teto do Centro. *Revista Art&*, São Paulo, v. 2, 2004. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-02/trabalhos/03.htm>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- HOOKS, bell. *Feminismo é para todo mundo: políticas vitais*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- MENDES, Valéria Monteiro; SILVA, Ana Lúcia Santos da; RODRIGUES, André; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. *Psicologia Política*, São Paulo, v. 19, n. 45, p. 351-369, maio/ago. 2019.
- MOMBAÇA, Jota. O corpo como um território de resistência e reinvenção: a arte como afirmação de nossas existências. In: MOMBAÇA, Jota (org.). *Corpos queer: performances, políticas e poéticas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Cosac Naify, 2008.
- VERGÊS, Françoise. *Descolonizar o museu: programa da desordem absoluta*. São Paulo: Ubu, 2023.